Amazônia: relatos orais - os ribeirinhos da messoregião Sul de Roraima

Amazon: oral reports – the riverines from the middle region South of Roraima

Maria das Graças S. D. Magalhães
UFRR
mdgsdm@uol.com.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar aspectos preliminares do Projeto de pesquisa intitulado Sociedade, Economia e Natureza: os ribeirinhos do Baixo Rio Branco – Roraima. Apresenta uma abordagem preliminar das entrevistas orais realizadas com ribeirinhos dessa região, nas quais buscou-se registrar as experiências vivenciadas numa perspectiva histórica a partir da metodologia da história oral. Destacam-se aqui aspectos relacionados à pesca, ao extrativismo vegetal e à agricultura de subsistência, atividades que são desenvolvidas simultaneamente pelos ribeirinhos.
Palavras-chave: Amazônia, Relatos orais, Ribeirinhos.

Abstract: This article aims to present preliminary aspects of the research project entitled: Society, Economy and Nature: riverines from the Lower Rio Branco – Roraima. Presents a preliminary approach from oral interviews conducted with the riverines from this region, in wich we attempted to register the experiences from historical perspective of the oral history's methodology. Highlighting here the aspects related to fishing, extraction plant and subsistence agriculture, activities that are developed simultaneously by the riverines.
Keywords: Amazon, Oral Reports, Riverines.

Introdução

O presente texto apresenta relatos orais coletados na primeira atividade de campo realizada pelo projeto intitulado *Sociedade, Economia e Natureza: os ribeirinhos do Baixo Rio Branco – Roraima*. A intenção dessa pesquisa é conhecer as experiências vivenciadas pelos ribeirinhos do Baixo Rio Branco através do estudo das entrevistas. Aqui, destacamos parte das narrativas, que constituem importantes elementos de memória para a apreensão desse modo de vida caracteristicamente amazônico.

Tendo em vista o conhecimento histórico como uma reflexão sobre o viver humano no tempo, este trabalho se propõe discutir, bem como dinamizar a divulgação de informações acerca da vida desses ribeirinhos. Destaca-se que os processos históricos abordados nessa

pesquisa enfocam não somente o plano das relações sociais e econômicas, mas também novas referências, relacionadas à experiência e ao vivido, que possam produzir mudanças na concepção de mundo da população local.

O proveito dessa metodologia está em ampliar e propiciar outros olhares, outras explicações, outros sentidos que aprofundem o conhecimento histórico. A história oral tem se mostrado uma ferramenta importante e pertinente, inclusive por que as grandes maiorias dos ribeirinhos que vivem nessa região não desenvolveram a habilidade de ler e de escrever. Nesse aspecto, Constantino (1997, p.117) explica que a história oral "ressurge, com caráter renovador porque aponta para um trabalho sistemático, derivado de um problema relevante, que freqüentemente diz respeito aos sem história". Para Carlo Ginzburg (1987), ainda hoje as culturas das classes subalternas são predominantemente orais.

A adoção da metodologia história oral, portanto, nos permite aliar as fontes históricas ditas tradicionais ao depoimento oral, criando novas e interessantes compreensões. Para Paul Thompson (1998) a fonte oral permite desafiar a subjetividade, deslocar as camadas de memória, na expectativa de atingir a verdade oculta, e nós, os historiadores, devemos nos dar essa oportunidade.

No entanto, ao trabalhar com a história oral tem-se a consciência de que algumas questões de método são necessárias, pois não é possível abordar os depoimentos orais da mesma forma que se abordam os documentos escritos. Trata-se aqui de focalizar os depoimentos como o ponto principal da pesquisa.

O projeto e o sítio de estudo

O estado de Roraima é parte integrante da Amazônia, não fugindo à regra dos processos históricos de ocupação da região amazônica. Foi criado em 1988 pela Constituição Federal, com uma área física de 224.298,9 Km² (IBGE, 2002), estabelecida no extremo norte da Amazônia brasileira.

A delimitação espacial do projeto *Sociedade, Economia e Natureza: os ribeirinhos do Baixo Rio Branco – Roraima,* compreende uma extensão de 388 Km, que vai do município de Caracaraí (Vista Alegre) até a foz do rio Branco, quando se encontra com o rio Negro.

Além disso, a finalidade deste trabalho é contribuir com uma análise para possíveis tomadas de decisões políticas com vistas à melhoria de vida desses amazônidas, apoiada no

conhecimento científico através da divulgação de informações. Destacamos a implementação de políticas públicas federais, estaduais e municipais de forma sustentável para o desenvolvimento das comunidades tradicionais.

Dentro dessa região escolhemos alguns "aglomerados ribeirinhos" para desenvolvermos o trabalho empírico. No primeiro trabalho de campo realizado visitamos a Ilha do Aruanã e as localidades de Santa Maria do Boiaçú, Santa Maria Velha, Sacaí e Vista Alegre.

Ao abordar a problemática dos ribeirinhos, algumas reflexões e discussões tornam-se necessárias, as quais norteiam os objetivos do Projeto: quais as mudanças sociais ocorridas nesses "aglomerados ribeirinhos" no decorrer dos anos? Quais as formas de apropriação e uso da terra? Quais atividades econômicas desenvolvidas? Que relações existem entre o homem e o meio ambiente?

O primeiro trabalho de campo, realizado em agosto de 2009, teve como objetivo estabelecer um contato inicial com algumas comunidades localizadas ao longo do baixo rio Branco.Todas as entrevistas gravadas obedeceram a um roteiro e as fitas gravadas foram posteriormente transcritas e incorporadas ao acervo documental que está sendo constituído pelo Projeto.

Relatos Orais: Uma experiência com os ribeirinhos

Navegando pelo rio Branco chegamos primeiramente na Ilha do Aruanã, (vide figura 1). Ancoramos na porta da casa do Sr. Homero Silva, que ao ser indagado sobre a sua vida de ribeirinho assim se identificou: "sou do estado do Amazonas, tenho 74 anos, vivo há 54 anos nesse lugar". Conta que formou sua família nessa região: "sou casado e tive 14 filhos; quatro morreram de febre, malária, criamos dez".

Informa que iniciou suas atividades logo que chegou à região. Quando jovem era pescador e carpinteiro, e revelou: " hoje pesco apenas para o consumo. O peixe de maior valor econômico é o peixe "liso" que chega a pesar 90 quilos. O quilo do peixe é vendido para o atravessador por R$ 2,00. Já o peixe de escama é mais barato, custa R$ 1,50".

O tom de reclamação aparece em várias partes da entrevista do Sr Homero. Conta que foi mordido por morcego e não recebeu o tratamento adequado para a doença "raiva" que geralmente é transmitida pelo animal. Não obstante, apesar das dificuldades que enfrenta,

como por exemplo, a falta de acesso a saúde e as dificuldades enfrentadas na pesca, o Senhor Homero se declara satisfeito com a vida nas margens do rio.

Continuando, descemos o rio Branco rumo a Santa Maria do Boiaçú, localidade fundada no século XVIII, e que possui o maior adensamento populacional no trajeto do estado de Roraima para o estado do Amazonas, via rio Branco .

Ao continuar com as entrevistas, encontramos o Senhor Francisco Damásio, de 92 anos, que falou sobre a sua vida em Santa Maria: "vim do Rio Grande do Norte como soldado da borracha: ou ia para a guerra ou vinha para Amazônia. Optei pela segunda oportunidade (...). Após a guerra, me dediquei à profissão de carpinteiro, construindo barcos e casas de madeiras".

Só nesta passagem, duas importantes aspectos da vida amazônica se colocam: a ocupação gerada pelos desmobilizados da atividade gumífera, em meados do século XX e a vinculação a atividade extrativa. É comum encontrarmos nas comunidades pesquisadas a vinda das pessoas associadas a "Batalha da Borracha" durante a Segunda Guerra Mundial. O incentivo do governo brasileiro aos migrantes na época da referida Guerra possui reflexos até os dias atuais. No entanto, após o declínio, todas as atividades extrativas vegetais voltaram-se para a castanha. Tal fato nos leva a corroborar com as idéias de Otávio Guilherme Velho ao afirmar que toda a infra-estrutura da borracha já estava voltada para a castanha. É possível perceber uma forte dependência dessa atividade (castanha) associada à pesca na fala dos ribeirinhos.

Nesse contexto, convém ressaltar que a armação de barcos é uma profissão comum nas comunidades ribeirinhas. A importância dessa profissão está relacionada ao fato de que o barco é, praticamente, o único meio de transporte na região, assim como um importante instrumento para a pesca.

Nas décadas de 1940 e 1950, em Santa Maria, a principal atividade econômica era pesca do pirarucu, o qual era vendido para Manaus. Segundo as entrevistas, hoje esse peixe praticamente não existe mais. Já os peixes chamados de "miúdos" (aracu, pacu, cará, piranha, pescada, etc.) são os que predominam.

Da mesma forma que outros entrevistados, o Senhor Damásio relata que apesar das dificuldades e limitações, tem um grande apreço pela vida que leva, condicionada pelo rio Branco, e com sentimento e nostalgia revela: "o rio Branco representa um mundo liberto, todo mundo faz o que quer, a pessoa trabalhadora tem tudo o que quer na vida. Não sou rico aqui,

porque nem todo mundo nasceu para ser rico".

As entrevistas coletadas apontam para o que afirma Verena Aberti (2004, p.18) quando diz que "o que fascina numa entrevista de história oral é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro", entendê-lo em toda a sua complexidade e torná-lo inteligível como fonte para o trabalho histórico.

Tal depoimento também corrobora o que as fontes escritas oficiais dizem sobre a vinda dos nordestinos para Amazônia em busca de trabalho, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial: muitos vieram e não voltaram mais, constituindo famílias por esse rincão.

Na terceira comunidade visitada, Sacaí, foi entrevistado o casal de pescadores, João Nonato de Souza, natural do estado do Acre, e Iraci de Souza, roraimense. Ao serem entrevistados, expuseram com simplicidade a vida ribeirinha: "vivemos da pesca, o peixe é vendido para o estado do Amazonas e possuímos uma roça de subsistência com milho, feijão, mandioca, etc (...). O peixe que vendemos dá para sobreviver".

Por outro lado, no depoimento do casal, fica evidente que nesse modo de vida pautado pelas atividades de subsistência há uma conjugação das atividades econômicas que une as práticas ribeirinhas tradicionais a outras trazidas de fora ou assimiladas de populações indígenas.

Outro aspecto, que chamou atenção foi que no dia da realização das entrevistas, em um sábado, estava acontecendo uma festa, na qual se pode perceber a socialização da comunidade através das festas "tradicionais". Estando lá, observamos que existia um ambiente festivo, as crianças brincavam, os adultos jogavam futebol, as mulheres assistiam o jogo, as bodegas tocavam músicas e algumas pessoas se preparavam para ir à igreja.

Interessante notar, ainda que na comunidade de Sacaí, que as casas são construídas de madeira, a maioria lembrando o estilo dos chalés europeus, muito utilizado na Amazônia durante o ciclo da borracha, no final do século XIX e início do XX.

Não poderia deixar de abordar nesse artigo os relatos das experiências dos ribeirinhos que geralmente fazem referência ao aviamento na região. Possuímos uma vasta literatura sobre o sistema de aviamento. No entanto, tomamos como aporte as idéias de Aramburu (1994, p.82) ao mencionar que o aviamento, termo cunhado na Amazônia, é um sistema de adiantamento de mercadorias a crédito. Começou a ser usado na região na época colonial, mas se consolidou no ciclo da borracha como sistema de comercialização, e se constitui em senha

de identidade da sociedade amazônica. Tal sistema foi possível perceber na fala dos ribeirinhos que comercializam o pescado, que relataram a dependência de créditos de comerciantes do município de Caracaraí e do estado do Amazonas.

Por outro lado comungamos com Charles Wagley (1957) quando este se refere ao aviamento como o principal elemento estruturador que regulava as relações sociais na Amazônia. Ainda nos dias atuais, a região do baixo rio Branco não foge desse contexto. Wagley, ao se referir ao aviamento, também afirma que esse sistema "une o mundo caboclo, por mais isolado que seja, à sociedade regional, nacional e internacional". O principal produto vendido é o peixe que é muitas vezes comercializado para o estado do Amazonas, podendo atingir a partir daí mercados internacionais.

Nesse contexto, não podemos deixar de mencionar a figura existente do "marreteiro" conhecido também como "atravessador" competindo com o aviador, é possível também identificar esse tipo social na região em análise. Percebe-se que a economia do interior da região tem como base o crédito, ou seja com o aviador ou com o atravessador, pois eles não possuem um fundo de reserva. Convém ressaltar também a necessidade de créditos aos pescadores, mesmo fazendo parte da "Associação dos Pescadores", reclamam da dificuldade em obterem créditos.

Foi possível perceber nessa região que o peixe é a base da alimentação, e a farinha de mandioca é o complexo básico. Ainda nos dias atuais podemos comparar com o que Martius descreveu na primeira metade do século XIX. O alemão abordou que o povo nortista se alimentava de farinha de mandioca, peixe seco; carne seca e o arroz pouco apareciam o que considerou coisa "nem boa e nem saudável". Dessa forma os ribeirinhos do baixo rio Branco não fogem a regra da alimentação básica da Amazônia, com uma exceção: praticamente não se encontra a carne seca referenciada por Martius (DIÉGUES JÙNIOR, 1960).

Convém reafirmar que o ribeirinho dessa região é envolvido em diversas atividades econômicas, aonde a água e a floresta são as duas grandes expressões do ambiente amazônico, que condicionam seu modo de vida. Criam uma sociedade própria, com estilos de vida, com seus costumes, hábitos e festas populares já referidos brevemente nas entrevistas. As comunidades visitadas mantêm contatos com as outras através de barcos principalmente em ocasião de necessidades comerciais e datas festivas. Nesse contato inicial com o cotidiano do ribeirinho foi possível perceber que o mesmo é extremamente religioso e apreciador de festas e do futebol. Algumas práticas sociais importantes são perceptíveis logo ao chegar: nas

comunidades encontra-se um campinho, uma igreja, um bar. À noite quando não estão pescando estão reunidos contando "causos", geralmente em torno das pescarias e caçadas.

Por outro lado, as entrevistas sinalizaram que o motivo mais comum que leva o ribeirinho a viver isoladamente é não encontrar na cidade um lugar para viver com a mesma qualidade de vida do interior; alguns mencionaram que é como entrar numa competição onde já entram como perdedores, por razões básicas, como o analfabetismo. Praticamente todos os entrevistados expressaram que tem consciência da necessidade dos filhos estudarem e de que necessitam de uma infra-estrutura melhor, como ter um melhor atendimento de saúde.

Finalmente, nessa seção, ressaltamos que estamos na fase inicial do desenvolvimento do referido Projeto. Temos consciência que necessitamos retornar a esse sítio de investigação para darmos continuidade e explorar ainda aspectos importantes do cotidiano desses ribeirinhos.

Considerações Finais

Neste artigo buscamos registrar as primeiras impressões acerca de uma realidade rica e multifacetada. No contato inicial possibilitado pela pesquisa, percebeu-se que a pesca é de fundamental importância para essas comunidades, que contam com tal atividade decisivamente para a sua subsistência e, também para vender quando é gerado um excedente.

Soma-se a essa economia fluvial, o extrativismo vegetal e a roça de subsistência. É uma economia considerada frágil, dependente dos produtos extrativos de origem vegetal e animal, que são incertos de ano para ano. Os produtos da floresta e do rio são conhecidos no mundo inteiro há muito tempo, a exemplo da borracha e da castanha, sendo esta última representativa do potencial da região até os dias atuais.

Convém ressaltar que apesar da pesca predatória, o rio Branco ainda conserva certa variedade de peixes, que servem para alimentação, para a pesca esportiva e para projetos de peixes ornamentais. Nos dias atuais é possível contar com os fiscais do IBAMA e da FEMACT que combatem os infratores da legislação ambiental em relação à pesca.

Refletindo sobre os relatos, são pontuados pela contradição, pois, por um lado, os ribeirinhos verbalizam claramente que levam vida difícil, mas, por outro afirmam que estão satisfeitos ao viver nessas comunidades.

Por fim, o maior desafio para os pesquisadores que buscam conhecer a realidade

vivida na região, esbarra sempre na questão de como preservar esse rio, como conciliar a exploração racional dos peixes com os interesses econômicos já colocados e os futuros.

Na Amazônia, em Roraima, e mais especificamente no baixo rio Branco, qualquer discussão passa necessariamente pela questão ambiental. Percebe-se que é preciso trilhar novos caminhos, conquistar novos espaços, construir uma sociedade mais justa e mais ecológica, e tudo isso passa necessariamente pela elaboração e pela implantação de políticas públicas específicas para essas populações tradicionais em nível federal, estadual e municipal.

A implantação das políticas públicas nesse contexto exige continuamente uma avaliação da conjuntura local na condução do desenvolvimento socioeconômico. Neste caminho, acreditamos que ouvir os ribeirinhos, conhecer e entender o seu modo de vida é fundamental, e é essa a contribuição que o projeto *Sociedade, Economia e Natureza: os ribeirinhos do Baixo Rio Branco – Roraima* se propõe a fazer.

Referências

ALBERTI, Verena. Ouvir Contar: textos em História. Rio de Janeiro: FGV. , 2004.

ARAMBURU, Mikel. Aviamento, Modernidade e Pós - Modernidade no Interior Amazônico. Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 25 junho,1994.

BARROS, José D Assunção. O Campo de História: especialidades e abordagens. RJ: Petrópolis, 2004.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

BURKE, Peter. A escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CERTEAU, Michel. A Escrita da História. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Narrativa e História Oral. In: Humanas. Vol.19/20, N.1/2. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, 1996/1997.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. Regiões Culturais do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

DAMÁSIO, Francisco. Entrevista concedida no dia 20 de agosto de 2009, Em Santa Maria do

Boiaçú.Roraima.

FERREIRA, Marieta e Moraes; AMADO, Janaína.(orgs.) . Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FEBVRE, Lucien. Combates pela História. Lisboa: Editorial Presença,1985.

FRAXE, Therezinha J.P. Cultura Caboclo- Ribeirinha: Mitos, Lendas e Transculturaldade. 1ª Ed.: Annablume, Novembro 2004.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1987.

LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Cortez, 2001.

LEONARDO, Victor. Os historiadores e os rios. Brasília: UNB, 1999.

MAGALHÃES, Maria das Graças S. D. Amazônia: O extrativismo vegetal no sul de Roraima: 1943-1988. Boa Vista: Ed. UFRR 2008.

MORÁN, Emilio F. A Ecologia Humana das Populações da Amazônia. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

TOCANTINS, Leandro. O Rio Comanda Vida: uma interpretação da Amazônia. Manaus: editora Valer, 2000.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RORAIMA, SEBRAE/RR. Série Diagnósticos Municipais. Município de Caracaraí. Boa Vista, 2000.

SILVA, Homero. Entrevista gravada no dia 20 de agosto de 2009 na Ilha do Aruanã em Roraima.

SOUZA, João Nonato; SOUZA, Iraci. Entrevista gravada no dia 20 de agosto em Sacaí. Roraima.

VIEIRA, Maria do Pilar: PEIXOTO, Maria do Rosário; KHOURY, Yara Maria. A pesquisa em História. São Paulo: editora Ática, 2006.

WAGLEY, Charles. Uma Comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1957.